

Brizola, o vice indomável das oposições

■ Contraste entre as convicções do pedetista e o discurso reformado dos militantes de Lula dificulta consolidação de campanha coerente

MURILO FIUZA DE MELO

As declarações do ex-governador Leonel Brizola sobre a pretendida reestatização da Vale do Rio Doce e a possível anulação da venda da Telebrás não apenas acenderam o sinal vermelho na cúpula do PT, como expuseram as divergências ideológicas que sempre deixaram os dois partidos separados em outras eleições. De um lado, o discurso nacionalista do PDT – herança do trabalhismo getulista. De outro, o discurso social, mais aberto ao capital externo, pregado pelo reformado PT, de antigas raízes sindicais.

Candidato a vice na chapa presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, Brizola preocupa os petistas. Eles sabem que o ex-governador é incontornável, mesmo que tentem enquadrá-lo num programa de governo comum. “Brizola nunca será um Marco Maciel, porque não nasceu para ser vice. Não sei até que ponto o PT vai conseguir afinar o discurso com o PDT”, avalia o cientista político Ricardo Guanabara, do IUPERJ.

Tornar o discurso coerente é fundamental para consolidar a candidatura de Lula. Para a historiadora Maria Celina D’Araújo, da Fundação Getúlio Vargas, no entanto, isso é tarefa quase impossível. “Política se faz com convicção e Brizola é um homem de convicções. Ele acredita mesmo que a privatização é perniciosa e a globalização, uma conspiração”, afirma.

Segundo a historiadora, esse pensamento bate de frente com o do PT e o de Lula. “O Lula é mais pragmático, não é tão avesso ao capital externo, até porque a ideologia do PT está como o preço da

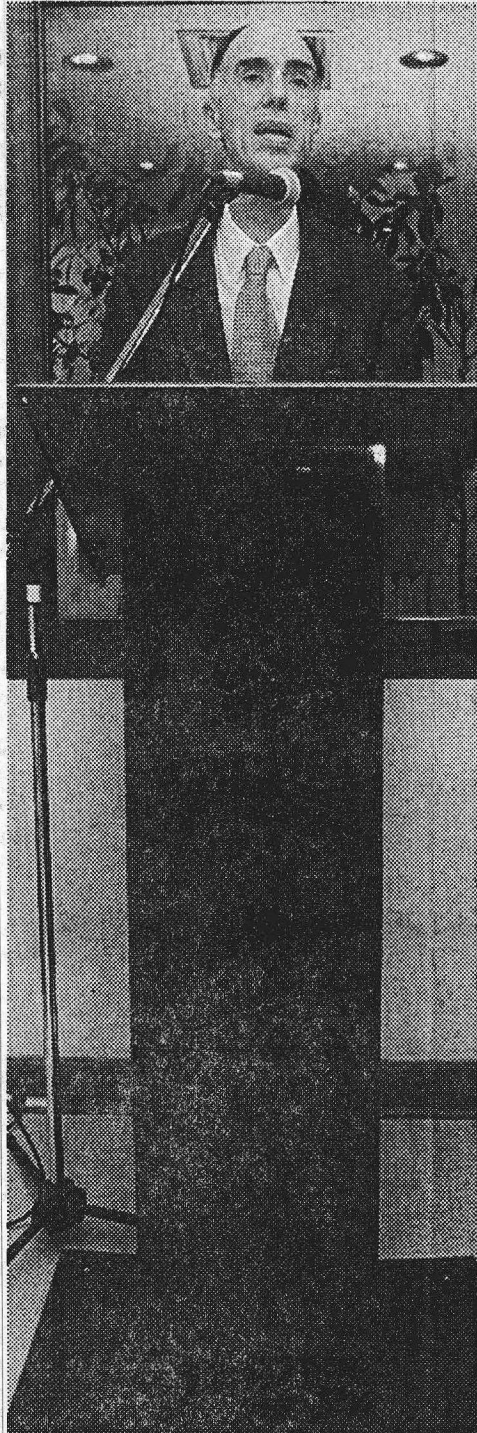
Telebrás, cada vez menor”, diz. A cientista política Lúcia Hipólito é mais radical. “O grande adversário de Lula não será o Fernando Henrique, mas o Brizola.”

O professor Alberto Carlos Almeida, do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF), vê semelhanças entre a atual relação política de Lula e Brizola e a que o líder do PDT manteve com o presidente João Goulart, às vésperas do golpe de 1964. Naqueles anos conturbados, foi Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, quem garantiu a posse de Jango. Primeiro pela Cadeia da Legalidade, depois, pelo referendo que devolveu o poder ao presidente, usurpado pelo regime parlamentarista. Garantido o governo, porém, começaram a divergir.

“Brizola conseguiu projeção nacional com Jango e procurou ganhar espaço ao divergir dele, favorecendo os conservadores. O mesmo acontece agora com Lula. O ex-governador tenta crescer sobre a projeção de Lula”, afirma Alberto.

Nessa perspectiva, o professor acredita que será difícil manter uma uniformidade no discurso, porque, apesar de haver aliança nacional entre PT e PDT, os partidos têm candidatos próprios em estados como São Paulo e Rio Grande do Sul. “É lógico que, se o PDT for hegemônico na aliança nacional, irá se sair melhor nos estados e vice-versa”, afirma Alberto, que dá um recado aos petistas mais preocupados com a língua afiada de Brizola: “O PT terá que conviver com ele. Em alguns casos vai ter que engolir e, em outros, administrar as divergências.”

Sergio Amaral – 18/7/96



Armando Favaro – 26/5/98



Arquivo – 16/11/66



Pedro Aleixo (E) foi impedido por uma junta militar de assumir a Presidência da República, no lugar do general Costa e Silva, porque queria a reabertura do Congresso Nacional. Já Marco Maciel (ao microfone) é considerado um vice de confiança, acima de qualquer suspeita, por sua fidelidade ao presidente Fernando Henrique Cardoso. O trabalhista Leonel Brizola (acima) já se mostra um vice rebelde

Da sombra ao primeiro plano

Se haverá afinidade ou não entre Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva num provável governo de esquerda, ninguém pode adivinhar. Mas, se a história puder valer como conselheira, o candidato a presidente do PT deve colocar suas barbas de molho. São inúmeros os vices na curta vida republicana do país que trabalharam contra o detentor do cargo e que, muitas vezes, assumiram seu lugar. “No Brasil, vice não só incomoda como governa. O único que jamais conspirou foi Marco Maciel”, opina a cientista política Lúcia Hipólito.

A ambição dos vices começa no nascedouro da República. Responsável pelo fim da monarquia, o marechal Deodoro da Fonseca ficou menos de dois anos no poder. Centralista e autoritário, Deodoro tentou fechar o Congresso e articular um golpe de Estado, mas enfrentou resistência no Exército, chefiado pelo seu vice, o marechal Floriano Peixoto. Isolado, renunciou ao cargo.

A República Velha, aliás, foi pródiga em elevar vices à condição de chefe da nação. O primeiro presidente civil, Prudente de Moraes, conseguiu chegar ao fim do mandato, mas nunca ficou livre das conspi-

rações de seu vice, Manuel Vitorino Pereira, partidário de Floriano e contrário à política do café-com-leite, que beneficiava as oligarquias mineiras e paulistas. Vitorino tentou impedir em vão que Prudente de Moraes reassumisse o cargo depois de afastamento por doença.

Destino – Muitos vices assumiram por caprichos do destino, como Nilo Peçanha, Delfim Moreira, Café Filho, José Sarney e Itamar Franco – exceto este, os outros por morte do titular.

O caso de Café Filho foi mais complicado. Vice de Getúlio Vargas, em seu segundo governo (1951-54), Café assumiu a presidência com o suicídio do titular e só ficou 16 meses. Acometido por distúrbio cardiovascular, afastou-se do cargo. Em seu lugar assumiu o presidente da Câmara, Carlos Luz, que foi substituído pelo vice-presidente do Senado, Nereu Ramos.

João Goulart, vice de Juscelino Kubitschek e de Jânio Quadros, também trouxe problemas para os titulares, principalmente para JK. Foi de Jango a façanha de aliar o PTB ao PSD, emplacar derrota a Juarez Távora e Milton Campos, da UDN, e, ao

mesmo tempo, manter a chama do desgastado trabalhismo getulista no poder. Acordo PTB-PSD previa que Goulart seria responsável pela indicação do ministro do Trabalho, dos presidentes de autarquias ligadas à Previdência Social, além de controlar a política sindical em geral. Com Jânio, Goulart teve menos influência. A renúncia do presidente, oito meses depois da eleição, levou mais uma vez um vice à chefia do poder do país.

Nos regimes autoritários pós-64, as relações dos vices com os presidentes também não foram fáceis. O caso mais notável foi o de Pedro Aleixo, impedido por uma junta militar de assumir no lugar de Costa e Silva, que sofrera trombose. Aleixo era a favor da flexibilização da ditadura, com a reabertura do Congresso. A junta militar optou pelo endurecimento e indicou para presidente o general Emílio Médici.

Os vices também tiveram papel importante na redemocratização do país. O primeiro foi José Sarney, que assumiu com a morte de Tancredo Neves. O outro foi Itamar Franco, alçado ao cargo em função do processo de impeachment de Fernando Collor de Mello. (M.F.M.)